

Aula 6

OS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA: LEGADO CULTURAL E LINGÜÍSTICO

META

Apresentar as causas e conseqüências da presença dos povos muçulmanos na Península Ibérica, bem como a inegável contribuição cultural e lingüística desses povos durante o período de dominação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar as principais razões que moveram os árabes a invadir a Península Ibérica;
situar geograficamente, no espaço peninsular, as regiões ocupadas pela cultura muçulmana;
e explicitar as influências lingüísticas e culturais legadas pelos árabes às línguas ibéricas, principalmente, ao português, durante o período de ocupação.

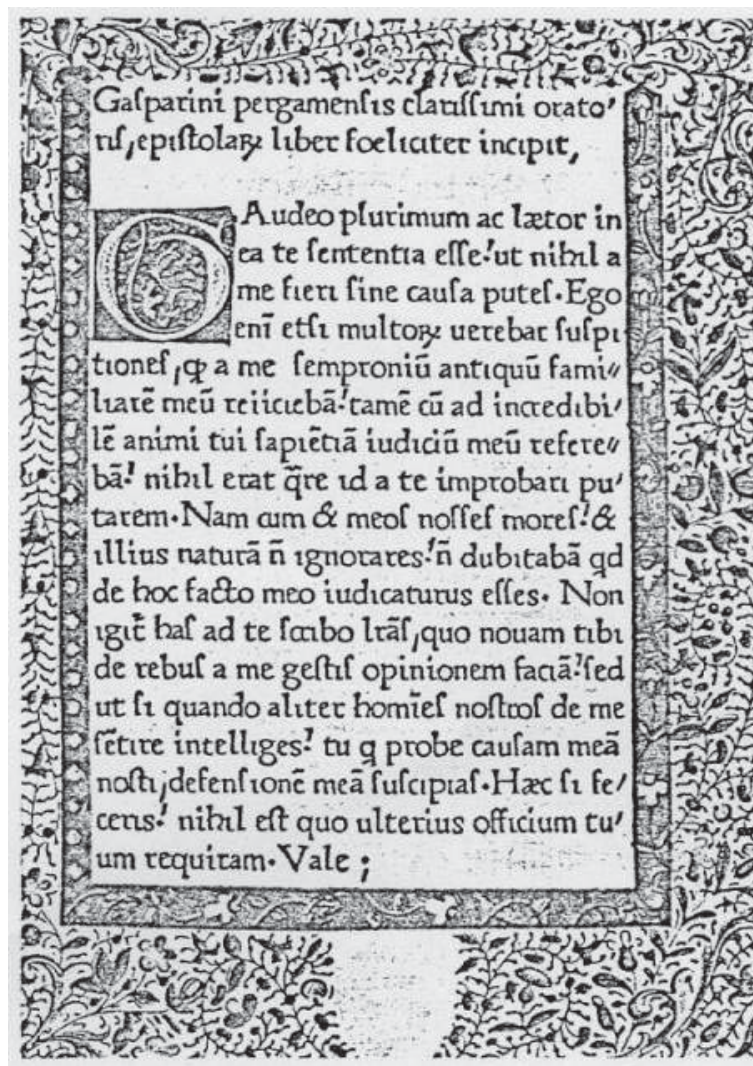
PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre as invasões bárbaras, contatos lingüísticos e a afirmação dos diferentes romances hispânicos.

Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Caro aluno, na aula passada vimos que existia um “mundo bárbaro” depois das fronteiras do Império Romano. Esse mundo era formado por estrangeiros chamados de “bárbaros”, geralmente guerreiros. Foram tantas invasões na Península Ibérica que acabaram por destruir o domínio romano, mas a cultura romana ainda venceu pela superioridade, influenciando os bárbaros na religião e na língua, que era o latim. Ou seja, as invasões bárbaras puseram abaixo a organização política e administrativa dos romanos, mas os povos invasores assimilaram bem a cultura dos vencidos, transformando o latim no grande meio de comunicação entre eles. Vamos, agora e mais uma vez, percorrer um período da história da Península Ibérica não menos tumultuado do que os outros já apresentados nas aulas anteriores.



Primeiro livro em latim impresso em Paris, em 1470, com cartas de Gasparino Barizzi, de Bergamo (Fonte: <http://organismo.art.br>).

OS ÁRABES

No final do século VII e início do século VIII, o império visigótico atravessava uma crise muito grave. O povo sentia-se explorado, mal administrado, sobrecarregado de impostos e ansioso por se libertar da tirania que o oprimia. A este estado de penúria, desgraça e opressão, soma-se a ocupação violenta dos árabes no território hispânico.

Quase como um castigo, mal a Europa, sobretudo, a sua parte ocidental, começa a consolidar o aluvião germânico, tribos dispersas da Arábia, eletrizadas pelas doutrinas de Maomé, encontram um credo e uma empresa que os aglutinam: a **guerra santa**.

Em menos de meio século, apossaram-se da Síria, da Pérsia, do Norte da África e da Sicília. E, em sete anos apenas, conquistaram a Península Ibérica e o sul da França.

Ver glossário no final da Aula

Então, frente à Europa cristã e romano-germânica, impõe-se o **Islã**, que será não somente o seu rival, mas também seu estímulo e complemento.

OS MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

Veremos, mais adiante, que duas civilizações mantêm, na Hispânia, uma contenda prolongada e decisiva. Antes de Maomé, as diversas tribos árabes se uniam através dos laços de parentesco e de elementos culturais comuns.

Com Maomé, surge nova forma de organização social e política baseada na identidade religiosa e não mais em laços de parentesco ou culturais. Com isso, nascem as bases de um Estado muçulmano, teocrático, e de estímulo à guerra, em nome da expansão da fé islâmica.

Ora, os muçulmanos, na época, foram o elo de ligação entre o mundo antigo (helênico e bizantino) e o ocidente cristão. O historiador Robert Mantram, a este respeito, faz uma observação pertinente:

“Enquanto o Ocidente cristão estava à procura do seu destino em meio às invasões dos bárbaros, o mundo muçulmano, por sua vez, burilava, numa fusão feliz de elementos compostos, uma sociedade viva, turbulenta, variada em seus aspectos e manifestações”.

Era lógico que a brilhante civilização muçulmana exercia grande influência nos povos peninsulares, tendo em conta o movimento cultural de imitação entre os indivíduos e grupos humanos que vivem próximos.

Fora da guerra, cristãos e mouros mantinham íntimas e contínuas relações. Os invasores não trouxeram mulheres; casaram-se com hispanogodas e escravizaram galegas e bascas. Nas áreas de domínio muçulmano, permanecem muitos hispanogodos, são os denominados moçárabes: uns conservam o saber de **Santo Isidoro de Sevilha**; outros conseguem certa

autonomia, os mais exaltados sofrem perseguições e martírio e os mais acomodados se islamizam.

Enfim, todos influem na Hispânia moura, onde se fala romances ao lado do árabe, propagam-se narrativas épicas sobre o fim da monarquia goda. A cidade de **Córdoba** se converte, logo, no centro ilustre da civilização islâmica e aí florescem a arquitetura, a indústria, o comércio, a vida refinada, as artes (escultura e pintura), a ciência (Matemática, álgebra e trigonometria, a Física, a Química, o álcool, o salitre, o ácido sulfúrico e outros, a Medicina), conhecimentos de invenções revolucionárias que nos chegam através deles como a bússola, o papel e a pólvora, a Filosofia (estudos de obras de Aristóteles), e a literatura que exerce ampla influência, a partir dos contos e das fábulas maravilhosas, com destaque para as obras como **“As mil e uma noites”, “Rubayat”** e **“As aventuras de Simbad – o marujo”**.

Ver glossário no final da Aula

Sobre esta influência da literatura islâmica na cultura literária ibérica, vejamos as ponderações do historiador Desmond Stewart:

“As histórias de ‘As mil e uma noites’ evocam melhor que qualquer outro registro a vida levada em cidades como Bagdá, Basra e Cairo, entre os séculos IX e XVI. Nenhum autor em particular escreveu este livro. Os contos representam uma variedade de origens e tipos, entre os quais: contos de fada indianos e persas, lendas e romances árabes, histórias e anedotas egípcias. Através dos séculos de repetição e compilação, no entanto, todas essas facetas foram emergindo para refletirem valores e ideais muçulmanos”.

Até o alvorecer do século XVI, o elemento árabe, depois do latino, foi o mais importante do léxico hispânico, sobretudo para o espanhol e o português. Para o gramático e filólogo Celso Cunha, as “palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral”, a campos de atuação humana, tais como:

- a) domínio da agricultura (os mouros eram hábeis agricultores) legou às línguas ibéricas elementos lexicais como: alface, alfazema, açafraão, açúcar, alecrim, algodão e outros;
- b) domínio das atividades comerciais, pesos e medidas: aduana, alfândega, armazém, tarefa, arroba, quilate, quintal etc.
- c) domínio dos ofícios, cargos: alfaiate, almocreve, almoxarife, califa, emir etc.
- d) domínio dos instrumentos musicais: alaúde, tambor etc.
- e) domínio das ciências em geral: álgebra, algoritmo, cifra, álcool, alquimia, alambique, elixir etc.
- f) domínio militar (guerreiro) que proporciona muitos termos. Nas expedições mouras contra os reinos cristãos, denominações como: acicate, adarga, alcaide, alfanje, alferes, atalaia, aljava, entre muitos outros;
- g) é vastíssima a influência na toponímia, isto é, nas áreas de domínio ini-

cial e de fixação, por mais tempo, muçulmana. Sirva-se de exemplo toda a região sul de Portugal: “Algarve” (de “al-garb”, que significava “o poente”, isto é, região situada ao poente). Seguem-se outros como: Guadalajara, Guadalquivir, Medina, Almedina, Guadiana e outros.

Para o professor Celso Cunha, muito desses vocábulos introduzidos pelos árabes são de procedência de outras línguas como o grego, o persa, o sânscrito e mesmo o latim. Nestes casos, os árabes foram apenas intermediários.

É importante acentuar que foi durante a dominação muçulmana que os romances peninsulares se esboçaram e adquiriram características distintas. Ainda para o prof. Celso Cunha:

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI d.C. (antes da invasão árabe), mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.

Os empréstimos lingüísticos demonstram bem como o domínio árabe impõe uma cultura, em vários aspectos, superior à ibérica. Técnicas novas, instrumentos e produtos desconhecidos, estilo de vida e costumes em geral invadem a Península e, com eles, as suas designações originais.

A abundância de termos árabes no léxico peninsular ilustra, como vimos, a importância destes objetos e conceitos novos na vida cotidiana da população moçárabe. A penetração destes empréstimos espelha o nível das relações sociais entre invasores e invadidos.



De cima para baixo: Alecrim, Califa e Alaúde (Fonte: 1. <http://www.homemnacozinha.com>; 2. <http://www.segundarepublica.com>; 3. <http://www.attambur.com>).

Em três anos, dominam a Península e, nela, permanecem por um período longo de setecentos anos. Pouco a pouco, a cruza dos árabes foi cedendo diante da necessidade de convivência com a população nativa. Como não trouxeram mulheres, os casamentos realizados com hispanogodas contribuíram para uma maior aproximação entre essas duas culturas.

Dos contatos constantes entre cristãos e mouros, surgem os moçárabes, isto é, cristãos arabizados, mas que conservam os caracteres fundamentais da cultura latino-cristã.

Durante todo o período de ocupação árabe, não houve descontinuidade lingüística, porque os moçárabes mantiveram as tradições do idioma, que se conservou românico.

A influência lingüística árabe, como já nos referimos antes, restringe-se ao léxico (vocabulário), sobretudo, com palavras relativas à arte militar, às ciências, às atividades econômicas, instituições jurídicas e políticas, etc.

Como veremos na aula seguinte, foi durante as lutas de conquista cristã do território hispânico, ocupado pelos árabes, que nasceu o reino português.



ATIVIDADES

1. Como se deu a invasão árabe na Península Ibérica? Redija um pequeno texto sobre esta ação.

2. Como a cultura árabe se faz presente na cultura peninsular invadida, especialmente, no campo lingüístico?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se que a invasão árabe foi realizada por indivíduos cuja forma de organização social estabelecia a importância dos laços religiosos.

A cultura árabe aparece basicamente por meio do estilo de vida e costumes em geral, levando ao conhecimento dos invadidos, técnicas novas, instrumentos e produtos desconhecidos.



PRÓXIMA AULA

Mais adiante você conhecerá os contatos lingüísticos ocorridos entre árabes e moçárabes.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ed. Ática, 1977.
- BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. v. I e II. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, s/d.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Ed., 1975.
- CELSO, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Coleção Saber Europa-América, 1983.

GLÓSSARIO

Guerra santa: Conflito religioso desencadeado durante a Idade Média contra pagãos e infiéis, em relação ao cristianismo. O exército das Cruzadas (expedições militares organizadas pelos cristãos) procura expulsar os árabes fixados na Península Ibérica. A denominação “guerra santa” acaba por se referir a todo e qualquer conflito de cunho religioso.

Islã: Religião e civilização dos muçulmanos, daí a doutrina do Islamismo.

Árabes: Povos habitantes da Arábia – península árida localizada no Oriente Médio. A denominação genérica “árabe” compreende ainda povos de outros países muçulmanos como a Argélia, Marrocos, Líbia, Egito, Síria, Turquia, Irã, Iraque e outros. A língua árabe é da família semítica e varia conforme os locais e os falantes que dela se servem. As designações: muçulmanos, mouros, berberes, turcos, sarracenos, genericamente, referem-se aos árabes.

Santo Isidoro: Bispo de Sevilha (560-636 d.C.). Pertencia a uma devota família católica de origem bizantina ou hispano-romana. Contra o arianismo visigodo, Isidoro se tornou um dos intelectuais mais respeitados de sua época, inclusive, no campo do saber eclesiástico.

Córdoba: Cidade da Andaluzia (Espanha) – centro cultural importante do povo muçulmano, durante a Idade Média.

As mil e uma noites: Obra mais célebre da literatura árabe, de autor e data incertos. Trata-se de uma seqüência de contos ligados por um tênue fio narrativo. São famosas as histórias de “Aladim ou a lâmpada maravilhosa”, “Ali-Babá e os quarenta ladrões”, “As aventuras de Simbad – o marujo”.

Rubayat: Obra do século XII, do poeta persa Omar Khayyam. Trata-se de uma coleção de 170 quadras (rubai) que expressam uma filosofia de vida cultivada pelo autor.